

O Homem Astral e Mental

© 2020 — Conhecimento Editorial Ltda

O Homem Astral e Mental

Ramatís / Hercílio Maes

Excerto das obras

• *A Sobrevivência do Espírito* • *Sob a Luz do
Espiritismo* • *Magia de Redenção*
Ramatís

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Organização: Mariléa de Castro

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da Capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-063-9 – 1ª edição - 2020

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)

(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Ramatís (Espírito)

O Homem Astral e Mental / obra mediúcnica ditada pelo espírito Ramatís ao médium Hercílio Maes ; organização Mariléa de Castro — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2020.

124 p.

Coletânea de textos retirados das obras:

A Sobrevivência do Espírito.

Sob a Luz do Espiritismo

Magia de Redenção

ISBN 978-65-5727-063-9

1. Espiritismo 2. Vida após a morte 3. Perispirito 4. Poderes da mente 5. Obras psicografadas I. Maes, Hercílio, 1913-1993. II. Castro, Mariléa de III. Título

20-2946

CDD — 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo : 133.93

Ramatís

O HOMEM

ASTRAL E MENTAL

Obra mediúnica ditada pelo espírito
Ramatís aos médium
Hercílio Maes

Coletânea de textos retirados das obras:
A Sobrevivência do Espírito
Sob a Luz do Espiritismo
Magia de Redenção

1ª edição — 2020



Obras de Ramatis editadas pela **EDITORA DO CONHECIMENTO**

HERCÍLIO MAES

- A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores – 1955
- Mensagens do Astral – 1956
- A Vida Além da Sepultura – 1957
- A Sobrevivência do Espírito – 1958
- Fisiologia da Alma – 1959
- Mediunismo – 1960
- Mediunidade de Cura – 1963
- O Sublime Peregrino – 1964
- Elucidações do Além – 1964
- Semeando e Colhendo – 1965
- A Missão do Espiritismo – 1967
- Magia de Redenção – 1967
- A Vida Humana e o Espírito Imortal – 1970
- O Evangelho à Luz do Cosmo – 1974
- Sob a Luz do Espiritismo (Obra póstuma) – 1999

SÁVIO MENDONÇA

- O Vale dos Espíritos – 2015
- Missão Planetária – 2016
- A Derradeira Chamada – 2017
- O Sentido da Vida – 2019
- Amor: Encontros, desencontros e Reencontros – 2020

MARIA MARGARIDA LIGUORI

- Jornada de Luz
- O Homem e o Planeta Terra
- O Despertar da Consciência
- Em Busca da Luz Interior

OBRAS COLETÂNEAS:

- Ramatis uma Proposta de Luz
- Face a Face com Ramatis
- Um Jesus que Nunca Existiu
- Simplesmente Hercílio
- A Missão do Esperanto
- A Origem Oculta das Doenças
- O Objetivo Cósmico da Umbanda
- Do Átomo ao Arcanjo
- O Apocalipse
- Marte: O futuro da Terra
- O Além – Um guia de viagem
- A Geografia do Plano Astral
- O Homem Astral e Mental

Coletâneas de textos organizadas por **SIDNEI CARVALHO:**

- A Ascensão do Espírito de A a Z – Aprendendo com Ramatis
- Ciência Oculta de A a Z – O véu de Ísis
- Evangelho de A a Z – A caminho da angelitude
- Jesus de Nazaré – O avatar do amor
- Mecanismos Cósmicos de A a Z – O amor do Pai
- Mediunidade de A a Z – O portal da Luz
- Saúde e Alimentação de A a Z – O amor pelos animais
- Transição Planetária de A a Z – A chegada da Luz
- Universalismo de A a Z – Um só rebanho

Obs: A data após o título se refere à primeira edição.

“A principal faculdade propulsora na nossa vida astral é o poder mental.”

“Não percebestes, ainda, que a vida humana, com suas angústias e torturas, tem por único escopo despertar no homem os poderes criadores do futuro anjo?”

Sumário

Apresentação	9
O “sentido” da vista no Além	13
Noções sobre o perispírito e suas delicadas funções	22
Revitalização do perispírito no Astral	36
– Processos empregados	
A volitação e o poder da vontade	44
As forças mentais e seus poderes	47
Os estigmas do “pecado” no corpo físico e no perispírito	56
A mente	82
Enfeitiçamento mental	111

Apresentação

Kardec sabiamente alertou que “a revelação é gradual”; ele, grande iniciado e conhecedor, subjetivamente, da vasta gama de conhecimentos ocultos que não se podia oferecer de súbito a uma humanidade à qual recém se descortinava, neste Ocidente cético, as bases da Sabedoria Eterna.

Daí o terem os espíritos e ele utilizado o conceito de perispírito para designar tudo o que se situa, na composição oculta do homem, entre o corpo físico e o espírito imortal.

A revelação gradual que se verificou, pela divulgação de uma infinidade de obras sérias que carregaram os milenares conhecimentos orientais, inclusive pela difusão da ioga, da teosofia, da rosa-cruz etc. no Ocidente, mas também por ditados na área espírita, permitiram trazer à luz a intimidade do “homem invisível” que somos, integrado por diversos veículos ou níveis de consciência – os corpos internos do homem.

O famoso perispírito – conceito didático adequado para a época – desdobrou-se em seus componentes, conhecidos desde a mais remota antiguidade pelos sábios iniciados – os chamados corpos transitórios ou inferiores do homem: o etérico, o astral e o mental.

E então começou-se a falar e estudar o corpo etérico ou duplo etérico (também conhecido como corpo vital), esse veículo feito de energia vital (o prana), ainda físico porém invisível aos sentidos comuns, que representa a “central energética” que abastece o corpo físico denso. Já no Antigo Egito era conhecido e chamado de Ka.

E foi destacado adequadamente o veículo seguinte, o hoje conhecido como corpo astral – o corpo de desejos dos orientais e da teosofia, denominação apropriada considerando-se que é o veículo das emoções. Atualmente, no meio espírita, ainda se utiliza a denominação de perispírito para ele, mas quase ninguém ignora que esse termo abrangia, à época do espiritismo nascente, um conjunto que hoje já pode ser desdobrado em seus três componentes, sem suscitar o espanto e a descrença que naquela época despertaria (o que foi sensatamente evitado pelo Plano Espiritual). André Luis,^[1] entre a amplitude inespecífica desse termo e a desconfiança que ainda envolvia o termo “corpo astral” à sua época, preferiu um meio termo sensato, denominando-o de corpo espiritual – e distinguindo-o claramente do corpo mental. Nesta pequena obra, se verificará que perdurou a denominação de perispírito como sinônimo de corpo astral, para ser um referencial para os espíritas. Pouco importa o nome, desde que se tenha claro o conceito de cada veículo. No Egito Antigo, era chamado de Ba. O importante é saber que se trata do homem que sente, esse homem astral, pois efetivamente ele é o nosso veículo das emoções e sentimentos. E por longo tempo ainda hospedará nossa consciência residente no plano astral, ao deixarmos o mundo físico, até o futuro abandono definitivo pela segunda morte, quando passaremos a envergar somente nosso corpo mental concreto.

Na presente obra encontramos explicitadas várias faculdades e poderes do corpo astral, bem como aspectos de sua atuação nesse mundo invisível astralino a que se recolhe a maioria absoluta da humanidade após arquivar o corpo de carne no depósito do cemitério.

Já o corpo mental – corpo mental concreto – ou intelecto, configura o homem que pensa. É o veículo que serve à manifestação do pensamento original do espírito, manifestado através de ondas e formas mentais. Ramatís nos aponta a primazia do pensamento, do homem mental, como condutor de nossos destinos, e trata da geração dessas ondas mentais e formas de pensamento, que estão requerendo urgente atenção da humanidade, porque serão a base das experimen-

[1] Vide a obra *Evolução em Dois Mundos*, no capítulo II – Corpo Espiritual.

tações da Era do Mentalismo que se avizinha. André Luís já lhe assinalou a presença inequívoca, apontando o caminho da pesquisa das obras sérias já existentes, aos espíritas não paralisados pelo sectarismo.^[2]

Urge, pois, que tratemos de adquirir intimidade com a natureza e funcionamento desses corpos internos – o astral e o mental – com toda a sua riquíssima gama de fenômenos. Eles operam, no homem, em estreita conjunção, naturalmente capitaneados pelo segundo; nesta obra, foram separados para nosso exame como se faz com as peças anatômicas, ou os sistemas nas lições de fisiologia.

A chegada da Era do Mentalismo requer com urgência que deixemos a periferia dos conhecimentos genéricos e busquemos a intimidade dos fenômenos próprios desses dois veículos. Eis a que se propõe a coletânea desta pequena obra, selecionada entre lições de Ramatis e Atanagildo em livros variados.

Paz, amor e luz a todos os seres.

Um Espírito amigo da Velha Grécia
Por Mariléa de Castro.

[2] Ainda na obra *Evolução em Dois Mundos*, sob o título “Retrato do Corpo Mental”, indica em nota: “O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude além daquela com que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados”. Desses pesquisadores, sugere-se a consulta a *O Corpo Mental*, de Arthur Powell, Ed. Pensamento, e *Formas de Pensamento*, de C. W. Leadbeater e Annie Besant. **EDITORA DO CONHECIMENTO.**

O “sentido” da vista no Além

PERGUNTA: — Dos nossos cinco sentidos, qual o que impera no plano em que viveis?

ATANAGILDO: — No mundo astral modificam-se todas as medidas e terminologias terrestres. Não podemos, por exemplo, avaliar as distâncias pelo método que empregais na Terra, pois não temos qualquer apoio geográfico em que nos basearmos, visto vivermos em outras dimensões, que estão submetidas a uma ação energética inalcançável pelos mais altos padrões vibratórios do mundo físico. A nossa atuação se exerce diretamente no mundo “interno”, na causa que compõe as coisas e formas conhecidas no mundo terreno. Guardamos a impressão de que fomos transportados para “dentro” do próprio mundo físico em que vivíamos.

Nós operamos na energia livre; nessa mesma energia que “desce” vibratoriamente e se transforma em matéria, ou seja energia condensada, como a denominam os cientistas modernos. O nosso ambiente é interpenetrado por um elemento superdinâmico tão acentuado, que escapa a qualquer focalização dos cinco sentidos físicos; estamos muito além da mais alta vibração do mundo material, assim como a luz, que não pode ser agarrada pelas vossas mãos, o Sol, que não pode ser engarrafado, e os raios X, que atravessam os tecidos e até paredes espessas.

PERGUNTA: — Valendo-se desse elemento astral, qualquer espírito consegue obter esses poderes espirituais de operar na energia livre?

ATANAGILDO: — A principal faculdade propulsora na nossa vida astral é o poder mental; quando podemos aliá-lo a um sentimento crístico bem desenvolvido, descortinamos então os mais deslumbrantes panoramas para as nossas almas e encantamo-nos com os trabalhos criadores que podemos realizar. A vontade disciplinada se nos torna o mais poderoso instrumento, que usamos como um prolongamento vivo dos nossos sentidos astrais, podendo penetrar cada vez mais nos mistérios de nossa origem e destino. Principalmente quando nos encontramos em ambientes tão gratos, como seja o da metrópole do Grande Coração, a nossa maior ou menor capacidade de visão depende fundamentalmente da maior ou menor extensão do poder de nossa própria vontade. Por isso, nem todos os espíritos de nossa moradia conseguem obter a mesma visão das coisas e dos seres; muitas vezes, quando somos agraciados com a presença de notáveis visitantes, provindos dos planos mais altos, certa parte dos nossos companheiros recém-chegados da Terra não consegue vê-los a contento, por não poder situar-se na mesma faixa vibratória elevada. O mesmo fenômeno ocorre também nas zonas inferiores, quando descemos a elas para socorrer os espíritos sofredores; nem todos eles conseguem nos observar, embora afirmem que nos sentem a presença no momento em que os auxiliamos. Trata-se de um fato lógico e compreensível: as frequências vibratórias espirituais muito baixas não podem sintonizar-se às vibrações muito altas, do mesmo modo por que as emissões de ondas curtas, na radiofonia terrena, não podem ser captadas pelos aparelhos de ondas longas.

No momento em que estou ditando estas comunicações, não podeis também registrar em vossa visão física a minha presença, pois estais cercados por uma faixa vibratória demasiadamente baixa e letárgica, como o é a da carne. Se se tratasse de um médium vidente e não do médium de que me sirvo no momento, isto é, de alguém com o perispírito mais deslocado para o “lado de cá”, ou que conseguisse elevar a sua frequência vibratória comum até o nível do plano em que atuamos, esse então poderia identificar-nos palidamente, guardando a ideia de que penetrara numa atmosfera de sonhos. E, assim como nem todos os espíritos desencarnados

conseguem ver-nos nas mesmas disposições astrais — porque variam seus poderes mentais e qualidades morais — os próprios videntes terrestres não entreveem com toda exatidão os mesmos fenômenos, porque também variam em sua capacidade vibratória, o que lhes dificulta focalizarem cenas do plano astral.

PERGUNTA: — A visão do espírito desencarnado, em vossa metrópole, é semelhante à visão dos nossos olhos físicos, na Terra?

ATANAGILDO: — Na crosta terrena, a visão das criaturas humanas poderia ser mais ou menos boa, se não ocorresse a redução visual proveniente de enfermidades, defeitos ou cansaço dos olhos. Mas, enquanto a visão humana é adstrita exclusivamente aos contornos das formas físicas e somente realizável sob a luz solar ou artificial, no mundo astral nós podemos ver as coisas independentemente de luz, tanto no seu exterior como no interior, tendo a impressão de que as viramos pelo avesso. E o mais importante é que podemos projetar a vista em todos os sentidos, tomar conhecimento de todo e qualquer detalhe, submetendo tudo a um exame que bem poderíamos designar de “visão de profundidade”. Acresce que, enquanto os olhos da carne exigem uma direção, dada pelos nervos oculares, para que tenhais conhecimento daquilo que eles podem ver, transmitindo ao cérebro apenas imagens focalizadas diretamente, a nossa vontade age de tal modo, no ambiente, que melhor “sentimos” do que “vemos”. Em certas ocasiões de hipersensibilidade, tenho observado que toda a organização do meu perispírito se transforma num maravilhoso campo visual, em que sinto as coisas provindas de todas as direções. Torno-me, assim, um centro de visão em sentido esférico, e capto todos os fenômenos situados ao meu redor, sob a estranha impressão de que vejo tudo com o poder de mil olhos. A necessidade de ver, na Terra, exige a imediata focalização dos olhos sobre os objetos desejados; além disso, para que o espírito possa ter conhecimento do que é focalizado, está na dependência das transformações vibratórias que o aparelho visual deve efetuar, para a devida sensibilidade do espírito. Demais, essas vibrações precisam atingir toda a área do perispírito, para que então a alma tome conhecimento do

que os olhos observaram, pois estes, na realidade, significam apenas um acessório, ou seja, um transformador da visão exterior para as vibrações de alta frequência, que são receptivas à organização etereoastral do perispírito.

O nosso poder visual está à superfície de todo o perispírito e, assim, torna-se um captador de imagens em todas as direções. Em lugar de precisarmos de um par de olhos para captarem as imagens e as transmitirem numa frequência vibratória acessível ao nosso espírito, nós, no Astral, as captamos diretamente em sua fonte natural vibratória, levando-as para a contextura do nosso perispírito e dispensando as funções complicadas da visão física.

PERGUNTA: — Supondo que a vossa metrópole seja um ponto astronômico, no Espaço, como veríeis o firmamento, ou o nosso Sol, olhando desse ponto ou local? A sensação seria a mesma que tínheis quando estáveis reencarnado em nosso planeta?

ATANAGILDO: — De nossa metrópole vemos o firmamento da mesma forma como o vedes da crosta terráquea, embora se nos apresente mais luminoso e tão repleto de vida quanto seja a possibilidade de penetração interior de nossa visão espiritual. É óbvio que a sua cor difere profundamente da cor da atmosfera física que envolve o globo terráqueo, porque estamos situados na intimidade dessa visão, limitada, para vós, pelos olhos da carne. Nós sentimos as coisas de outro modo e penetramos com mais eficiência em toda a sua realidade exterior.

PERGUNTA: — Dai-nos um exemplo, para que melhor compreendamos que as coisas vistas pelos nossos olhos físicos são abrangidas em toda a sua extensão e realidade pela visão dos espíritos desencarnados. Podeis fazê-lo?

ATANAGILDO: — Essa maior ou menor acuidade visual interior depende muito do tipo do espírito, pois, à medida que nos elevamos para estados mais sublimes, todo o mundo oculto se nos revela mais intenso e povoado de energias que antes haviam escapado à nossa observação de caráter inferior.

Suponde que vos encontrais observando um vaso contendo água doce, quente, perfumada, e ainda eletromagnetizada.

Que vedes nesse vaso, com os vossos olhos físicos? Sem dúvida, só vedes a água e apenas notais a sua forma incolor, pois se quiserdes sentir-lhe a temperatura, o perfume ou o magnetismo, ou mesmo o sabor, tereis que vos valer do tato, do olfato e do paladar. No entanto, se o meu espírito desencarnado estivesse presente no local, faria uso da faculdade que vos descrevi e poderia captar por todo o seu perispírito, simultaneamente, todas as diversas sensações contidas no vaso d'água, apenas usando a sua vontade na percepção de vários fenômenos ali existentes. Há essa diferença, porque os cinco sentidos do homem não passam de janelas vivas ou aparelhos acessórios que devem transformar os diferentes fenômenos do mundo exterior numa vibração que o espírito desencarnado pode recepcionar diretamente, ao passo que ele não o pode fazer.

É evidente, pois, que na posse do corpo físico ou mesmo liberto dele, o verdadeiro receptor de todas as sensações e fenômenos do mundo físico ou astral ainda é o perispírito. Desse modo, aquilo que percebemos dificultosamente, quando no comando do corpo carnal, podemos captar diretamente, e sem os sentidos físicos intermediários, quando desencarnados.

PERGUNTA: — Tendes, porventura, outra concepção do Sol, por possuídes uma visão melhor que a nossa?

ATANAGILDO: — O Sol que vedes no firmamento e que vos aquece com os seus raios caloríferos é o mesmo que banha as colônias e cidades astrais existentes em torno do globo terráqueo; no entanto, para vós, é um astro de ação mais física, enquanto que nós o sentimos interiormente, isto é, na sua plenitude astral. O nosso ambiente, por ser integralizado pela substância astral, dispensa a ação propriamente física do Sol, mas recebe toda a sua energia astralina, a fim de se poderem cumprir os objetivos de renovação espiritual dos desencarnados.

PERGUNTA: — Como poderíamos compreender melhor essa diferença de ação do Sol em vossa metrópole, acima de sua expressão comum por nós conhecida?

ATANAGILDO: — Creio que não vos é estranho o fato de o Cosmo todo se encontrar interpenetrado de uma energia

que se adensa em torno dos orbes, na forma de substância astral. A começar pelo próprio Sol do nosso sistema, cada planeta ou asteroide possui a sua atmosfera de fluido astral, que o envolve na conformidade do seu volume, rotação e idade sideral. Deste modo, a Terra requer também as energias físicas do Sol, que lhe nutrem a vida física, ao mesmo tempo que a sua esfera astral e invisível, sob considerável dinamismo, também exige essas energias, que devem entreter a sua vida interior.

Nos cursos educativos de nossa metrópole tenho aprendido que os espíritos que findam as suas encarnações na Terra e terminam a sua educação no mundo astral passam, em seguida, para um outro plano ainda mais interior, denominado “mundo mental concreto”, onde ainda existe matéria mental mas, de tal sutileza, que lhes atende, instantaneamente, àquilo que pensam e desejam. Explicam-nos, então, que esse mundo mental concreto também está muito além da natureza vibratória do mundo astral, assim como a nossa esfera astral também se encontra muito além dos fenômenos da Terra. E o Sol, como centro de vida e sustentáculo de todo o nosso sistema, continua a alimentar todos os demais mundos “interiores” de vida espiritual, assim como nutre a crosta terrestre, embora a cada um conforme a energia correspondente ao seu meio de vida. Embora o Sol seja, pois, um só, há um Sol físico para a Terra física, um Sol astral para o mundo astral e um Sol mental para o mundo mental concreto.

Penso que o exemplo da água quente, perfumada e magnetizada pode dar a ideia de três estados diferentes num só corpo: calor, perfume e eletricidade, no elemento água, numa graduação cada vez mais delicada, assim como a manifestação do Sol físico é mais grosseira do que a do Sol astral e este também mais rude do que o Sol mental.

É por isso que, na metrópole do Grande Coração, nós haurimos a luz do Sol na sua manifestação mais pura e dinâmica, porque nos movemos num mundo de energias semelhantes, como é o mundo astral. Acredito que a ciência terrena já não mais duvida de que o Sol é antes um foco de luz do que de calor; essa luz é que se transforma em calor, assim que encontra a resistência no “biombo” da atmosfera

terrestre, e então chega até vós na forma de raios caloríferos. Assim, a energia principal pura ou dinâmica do Sol é a luz e não o calor, pois este já é energia degradada. Se quiserdes saber por que motivo em nosso mundo astral nós aproveitamos a energia mais elevada do Sol, é só compreenderdes que, enquanto recebeis raios caloríferos, que se filtram através do “biombo” atmosférico da Terra, nós recebemos diretamente o Sol em sua dinâmica natural de luz.

PERGUNTA: — Poder-se-ia considerar que os olhos de carne estão para o mundo espiritual assim como os anteparos estão para a luz material?

ATANAGILDO: — Os vossos olhos não são propriamente anteparos de realidade espiritual e, pelo contrário, significam precisos órgãos que vos permitem a visão grosseira no plano da matéria. Não devemos olvidar que os olhos carnis não são os redutores da verdadeira visão do espírito, nem causam prejuízos ao entendimento exato dos mundos interiores, mas são o resultado de um dos mais avançados esforços da natureza física, a fim de que pudésseis ter noções do mundo físico tão necessário ao nosso aprendizado sideral.

Quando de posse dos olhos de carne, eu atuava no mundo material circunscrito apenas ao que devia servir de lições à alma reencarnada; só podia ver os seres e as coisas desde que meus olhos estivessem sob a iluminação da luz exterior do Sol ou da artificial da Terra. Como homem físico, não conseguia enxergar no escuro, não tendo sequer o privilégio de que gozam os gatos, alguns outros animais e diversos insetos... E isso porque os olhos do homem exigem a luminescência exterior, na medida que lhe foi dada para poder cumprir a sua função vital. Mas, depois que deixei o corpo físico, fiquei surpreendido com a precariedade dos olhos carnis e com a maravilhosa capacidade visual do espírito desencarnado, que se serve especialmente de sua vontade treinada para satisfazer aos seus anelos. Se vos utilizásseis de óculos com lentes bem escuras para contemplardes as paisagens ensolaradas e coloridas das enseadas de Nápoles, Guanabara ou Flórida, é claro que teríeis uma impressão obscura e pobre da realidade; no entanto, assim que vos desvencilhásseis das lentes escuras, ficaríeis surpreendidos diante das indescrití-

veis belezas que vos ofereceria a visão límpida.

Também me senti deslumbrado diante do panorama soberbo e celestial que se me deparou logo após desencarnar e me desvencilhar dos olhos físicos, pois embora estes prestem excelente serviço no trânsito da vida material, não conseguem revelar as belezas do astral superior, que se situa num campo vibratório muito sutil.

Muitas almas de boa estirpe espiritual confessam que, após a desencarnação, parecia-lhes que viviam num quarto escuro e fora-lhes acesa prodigiosa luz, que lhes descobriu munificente palácio principesco, repleto das mais deslumbrantes dádivas celestiais.

Nós, aqui, somos tomados de imensa piedade para com os cientistas, filósofos ou sábios terrenos que afirmam, enfaticamente, que nada mais existe depois da morte do corpo. Eles acham que a vida real é exatamente aquela que se nota nas formas passageiras do mundo terreno. Mas, quando retornarem ao astral, muito grande lhes será a humilhação ao comprovarem a falsidade de uma concepção tão infantil.

PERGUNTA: — Como é que podeis ver o sensitivo, neste momento em que recebe o vosso pensamento e o passa para o papel? Qual a espécie de vossa visão, neste instante?

ATANAGILDO: — Repito: meus olhos não são mais adstritos à visão limitada do mundo material, que está sujeita à luz solar ou artificial. A luz que me rodeia é muito diferente e ilumina tudo desde o seu interior, e por esse motivo posso penetrar até no recôndito de vossas almas, inclusive a do médium de que me sirvo. Quando olhais um homem, no vosso mundo físico, só podeis vê-lo na sua configuração exterior, porque a luz solar ou artificial só se derrama sobre os seus contornos. É bastante que se faça noite, para que não mais o possais ver, salvo se vos utilizardes da luz artificial. Assim, enquanto os vossos olhos físicos só permitem observar aquilo que a luz do mundo material ilumina, nós tudo podemos ver, graças à luz que há no interior de todas as coisas e mesmo em nossa organização perispiritual.

Eu enxergo o médium neste momento, não como ele o é para vós, mas como o era antes de se reencarnar e como será depois de abandonar o seu corpo numa sepultura, aí na Terra.